

# GAZETA MUSICAL

Publica-se de 15 em 15 dias

Director-proprietario : Alfredo Fertin de Vasconcellos  
REDACTOR-PRINCIPAL : IGNACIO PORTO-ALEGRE

Assignatura para a Capital Federal e os Estados : 10\$000 annuaes ; paizes estrangeiros : 12\$000.

Redacção e administração : Rua da Quitanda, 42, para onde deverão ser enviadas quaesquer correspondencias e communicacões, que não serão restituídas ainda que não sejam publicadas

## Alexandre Levy

1864 — 1892

Descendente de uma familia de origem franceza e suissa nasceu Alexandre Levy em S. Paulo a 10 de novembro de 1864.

Seu pae Henrique Luiz Levy veio para o Brazil em 1847 e em 1852 fixou sua residencia n'aquella cidade. Trabalhador e honesto, inteligente e bom, dedicou toda a sua existencia aos labores quotidianos da vida do commercio, conseguindo accumular em alguns annos uma fortuna, que excedia mesmo a *aurea mediocritas* do poeta, permittindo-lhe proporcionar aos seus filhos uma educação esmerada e a toda a sua familia as vantagens do conforto, do aconchego, da tranquillidade e da despreocupação pelo dia seguinte.

Neste meio patriarchal, onde se respirava o affecto puro e são limitado pela cadeia do amor, que concatenava nos seus elos todos os membros d'aquella familia duplamente respeitavel pela dedicação ao trabalho e pelos exemplos de virtude, desabrochou aquelle entesinho predestinado pela natureza, que doou-lhe uma aptidão artistica fortemente accentuada, um talento genial para a musica, que foi sempre a sua paixão, o seu ideal.

Em 6 de Outubro de 1871, o nosso collaborador Dr. Cardoso de Menezes, escrevendo a Ferreira de Menezes, dizia em um topico que transcrevemos com a devida venia :

« O mais moço, Alexandre Levy, em quem eu quero enxergar talvez o nosso Mozart, é de uma sisudez e concentração pouco vulgares.

Tendo recebido apenas algumas lições de seu irmão, ao que me consta, quando senta-se ao piano para tocar algum pedaço de musica com o seu joven mestre, converge toda a sua attenção para o que está executando e não discrepa siquer o valor de uma *semifusa* do rythmo que deve seguir na execução. Aquella concentração tão rara de encontrar-se em uma idade como a delle, e a exactidão com que toca, levam-me a crer piamente que elle, como disse mais acima, será o nosso Mozart. »

Nessa época Alexandre Levy tinha apenas sete annos e foi então que principiou os seus estudos de piano, sob a direcção do Sr. Luiz Maurice, professor de origem russa, ha muitos annos residente em S. Paulo.

Tendo conseguido rapidos progressos, que faziam prever um artista delicado e de fina tempera, continuou depois esses mesmos estudos tambem sob as vistas do Sr. Gabriel Giraudon, professor francez, que ainda hoje exerce alli o magisterio.

Até 1876 recebeu as lições e conselhos destes dois professores; dessa data em diante, installado no seu gabinete, perseverando com uma tenacidade invejavel nos seus estudos, tendo por mestre a sua coragem, a confiança em si mesmo, cheio de paciencia e de docilidade, sem a fatuidade e a presumpção de uma primeira reputação que começava a aureolar o seu nome, elle entregava-se inteiramente ao estudo do piano, n'uma actividade fogosa de aproveitar o tempo e de vencer as difficuldades materiaes da execução.

Mas aquelle cerebro tão bem conformado, aquella aptidão prodigiosamente desenvolvida, desde que se revelára, aquelle enorme talento já tão applaudido por quantos reconheciam a sua pujança e vigorosa robustez, não podiam restringir-se aos estreitos moldes do artista virtuose.

O nosso joven compatriota procurava já erguer-se a regiões mais elevadas, buscava horisontes mais vastos, e os profundos segredos da composição e do contraponto reclamavam instantemente a sua attenção soffrega e impaciente de saber, e de devassar esse mundo desconhecido, onde elle esperava poder librar-se com as azas possantes de sua imaginação de meridional, opulento e prodigo de maravilhas como a nossa natureza.

Em 1883 começou os seus estudos de harmonia com o professor Georg Won Madeweiss e em 1885 continuou-os com o professor austriaco Gustavo Wertheimer. Os seus progressos em harmonia e composição foram taes que esse professor em breve declarou terminada a sua tarefa e aconselhava os paes do nosso artista que o mandassem para a Europa, onde o esperavam os grandes mestres, e onde elle teria occa-

sião de ouvir as composições d'aquelles, a quem a posteridade, na sua sentença desapaixonada e liberrima, consagrou como genios.

Ja em 1883 Levy fundára em S. Paulo o Club Haydn, que foi o principal factor do desenvolvimento artistico n'aquella cidade, e tanto contribuiu para a educação do bom gosto musical d'aquella gente, pela audição frequente dos classicos, até então quasi completamente desconhecidos.

Esta sociedade composta na sua maior parte de bons amadores, verdadeiros *dilettanti*, companheiros inseparaveis na propaganda pelo progresso musical, chegou a realizar 31 concertos mensaes e dous grandes concertos na occasião em que alli esteve o Sr. D. Pedro de Alcantara e sua familia.

A primeira vez que Alexandre Levy empunhou a batuta de regente de orchestra foi quando regeu no Club Haydn a primeira symphonia em ré maior de Haydn.

No intuito de tornar conhecidas as grandes composições dos classicos, esforçou-se muito para organizar grandes concertos orchestraes; infelizmente, porém, os recursos do Club Haydn eram mui limitados, e a difficuldade quasi insuperavel de formar uma orchestra fel-o desistir ultimamente da direcção da sociedade.

Apezar d'isso, conseguiu fazer ouvir em S. Paulo algumas symphonias de Haydn e de Beethoven, a ouvertura de *Ruy Blas* de Mendelssohn, *Lustigen Weiber von Windsor* de Nicolai, *Air de Ballet* n. 2 das *Scènes Pittoresques* de Massenet e o *Concerto* em sol menor op. 25 de Mendelssohn, para piano e grande orchestra, sendo solista o seu irmão Luiz Levy.

O ultimo concerto do Club Haydn foi em 3 de Janeiro de 1887. Pela ultima vez tocou alli Alexandre Levy, fechando o concerto, a bellissima *Polonaise* de Chopin op. 22, completa, com acompanhamento de quintetto de cordas. Foi um verdadeiro delirio, e toda a sala applaudiu-o com um entusiasmo louco, impressionada pela correcção, pelo sentimento e pela delicadeza da interpretação.

Em 1887 partiu para a Europa Alexandre Levy, que era a alma do Club Haydn; este dissolveu-se logo com grande pezar dos numerosos *dilettanti* que alli tinham uma verdadeira escola de educação musical.

Levava no coração o alvoroço dos que anceiam pelo desconhecido desejado; a sua imaginação, na febre da impaciencia, na confusão cahotica de um sonho, deixava-lhe entrever os esplendores magnificentes da arte como em uma apothese sobrenatural; e elle levava o proposito firme de estudar, estudar muito, conhecer os segredos da arte divina,

desvendar-lhe os arcanos e mysterios, e beber a sua inspiração nas fontes puras, onde só conseguem desalterar-se os que têm culto verdadeiro pelo seu ideal.

Chegou a Paris levando cartas de recommendação para Saint-Saens, J. Massenet, Emile Durand, V. Ferroni, G. Ricordi, etc.

Estando em férias o Conservatorio de Paris, elle não pôde matricular-se logo, e então tomou para seu professor de harmonia e contraponto o professor do mesmo Conservatorio Emile Durand, que em pouco tempo considerava-o já como um discipulo de não vulgar merecimento.

Quando dava a sua primeira licção de contraponto, experimentou Alexandre Levy uma extraordinaria sensação de contentamento e alegria quando, ao mostrar as composições que levava do Brazil, recebeu de seu professor muitos elogios e a affirmação de que lhe agradavam muito.

Pouco tempo depois era seu professor Vincenzo Ferroni, mas tendo sido este nomeado professor do Conservatorio de Milão alguns mezes depois, para substituir o professor A. Ponchielli, que tinha fallecido, teve de sahir de Paris. Já tinha, porém, tanta dedicação pelo seu discipulo, que chegou a instar para que este o acompanhasse a Milão, comprometendo-se a matricular-o immediatamente no Conservatorio; mas o nosso jovem artista, por motivos imprevistos, não pôde segui-lo.

Durante a sua estada em Paris, Alexandre Levy teve occasião de fazer-se ouvir nos salões do Barão de Arinos, na noite de 19 de Outubro de 1887.

Fôra convidado para a recepção que se fazia ao Sr. D. Pedro de Alcantara e sua familia, e a que assistiram tambem as irmãs Synais e Francisco Valle. Nessa occasião tocou uma polonaise de Frugatta e a polonaise de Chopin op. 22, obtendo um verdadeiro successo e sendo muito applaudido.

Foi nessa recepção que elle teve occasião de conhecer Francisco Valle, o nosso talentoso compatriota. Em poucos dias eram mais que collegas ou camaradas — eram dous amigos, entusiastas ambos pelo talento um do outro. Em suas notas de Paris, no dia 22 de Outubro, menciona Levy a visita que fizera ao seu compatriota Valle, de quem ouvira algumas composições, e diz: *Fui visitar o Valle, tocou-me cousas suas bem feitinhas. Tem talento o rapaz e ha de dar cousa boa.*

No dia 6 de Novembro Levy convidava o seu amigo Valle para assistir com elle ao ultimo concerto Colonne, e nos consta em suas notas que — durante a execução de uma das symphonias de Beethoven, foi tal a commoção que sentiu o Valle que chorou copiosamente pela impressão

que recebera ao ouvir pela primeira vez uma d'aquellas obras geniaes do grande mestre de Bonn.

Alexandre Levy foi frequentador assiduo dos concertos Lamoureux e Colonne, não só para ouvir por grande orchestra as composições magistraes de longo folego, que até então só lhe fôra permittido conhecer pela reducção para piano, o que amesquinha enormemente o seu grande valor, ou pela leitura das partituras, o que é mais que insufficiente para dar uma pallida idéa da composição, como tambem para fazer a sua educação pratica, ouvindo e conhecendo os processos empregados pelos autores de boa nota para o manejo das grandes massas de sonoridade, avaliando os differentes timbres das familias de instrumentos, e o modo por que são tratados nos conjunctos orchestraes.

Não deixára tambem de assistir, na *Grand Opera*, á representação das melhores operas.

Foi assim que teve occasião de ouvir *Patrie*, *Cid*, *Romeu e Julieta*, *Africana* e o centenario do *D. Juan*, regido por Gounod; esta opera produziu-lhe extraordinaria impressão, e augmentou sua admiração pelo grande Mozart.

Infel'zmente, porém, apesar da boa vontade de seus paes que ambitionavam a gloria do filho, apesar da paixão ardente que este tinha pela sua arte, e da admiração entusiastica que votava aos grandes mestres a quem desejava igualar, não foi possivel a Alexandre Levy permanecer por muito tempo em Paris. A nostalgia apoderára-se daquelle moço a quem uma educação muito exclusivista no seio de sua familia impossibilitára de segregar-se por muito tempo do lar paterno. Dominava-o uma tristeza enorme; e aquelle organismo, ha pouco tão forte e valido, manifestou os symptomas do phenomeno pathologico por um grande abatimento, por um desanimo injustificado e pelo desejo a cada momento apresentado de voltar á sua patria. Uma especie de crepe envolvera o seu espirito e o seu coração, e aquelle torpor leval-o-hia certamente á sepultura se os medicos não o fizessem voltar para a sua patria.

Foi sob a influencia dessa terrivel enfermidade, sob a impressão das reminiscencias saudosas de sua familia, dos dias venturosos de sua infancia tão alegre e despreoccupada, que elle lembrou-se d'aquella conhedidissima canção popular — *Vem cá, Bitú...* — Aquella melodia tão chá, tão singela, que chegou até a representar para nós o *ridiculo musical*, levou ao seu espirito um turbilhão de recordações pungentes, e adquiriu as proposições de um cantico que symbolisasse o seu amôr filial e fraternal, ou de uma elegia pelo seu presentimento de que não mais tornaria a ver sua terra natal e os entes que lhe eram tão caros.

Sentou-se ao piano e sobre aquelle thema popular escreveu umas variações, onde derramou todas as suas tristezas, todas as suas dores, todas as saudades que elle tinha acumulado no fundo do seu coração.

Este trabalho, verdadeira joia musical, é dedicado ao seu amigo e professor G. Wertheimer.

E' pena que seja tão pouco conhecida do nosso meio artistico esta composição, onde se admira o grande talento de harmonisação do seu autor, e a maneira engenhosa, delicada por que elle desenvolveu aquella phrase musical impregnando-a de uma sentimentalidade doentia, mas sincera. Ouve-se nella a queixa de um exilado, e sente-se como que a passagem de um cortejo funebre, um sopro da noite, um suspiro de melancolia, uma lagrima, emfim esse perfume delicado da patria distante.

Em Novembro de 1887 regressou de Pariz, e com as alegrias de tornar a ver sua terra natal, voltou-lhe o amor ao estudo, e continuou a dedicar-se aos segredos profundos da sciencia musical.

Admirava com verdadeiro entusiasmo as partituras de Schumann, Goldmark, Massenet, Beethoven, Haydn e ultimamente Wagner. Lia constantemente, inteiramente absorto nesse afan, as bellas paginas da *Walkiri*, do *Parsifal*, de *Tristan e Iseult* e dos *Mestres Cantores*, e tencionava visitar este anno Bayreuth para assistir ao festival annuciado para Julho e Agosto.

Muito cedo começou Alexandre Levy a dar arrhas do seu talento pelas composições que apresentava. De 1879 a 1882 foram editadas diversas pelas casas Lucca, Schott, Ricordi, etc., e cada uma dellas era uma revelação da sua enorme aptidão, e um documento da boa orientação dos seus estudos e da sua predilecção pelos bons autores como Beethoven, Mozart, Haydn, Mendelssohn, Chopin, Bach, etc. sendo que deste ultimo conhecia de cór grande parte das fugas.

Foi um dos seus primeiros trabalhos a fantasia para dois pianos sobre motivos da opera *Guarany*, que dedicou a Carlos Gomes, quando este visitou S. Paulo.

Carlos Gomes fel-a editar na casa F. Lucca de Milão, e foi executada na noite de 15 de Setembro de 1880 no concerto em beneficio da filha de C. Gomes pelo autor e por seu irmão L. Levy.

Dessa data até 1882 foram editadas mais as seguintes composições de A. Levy:

Op.	1	Impromptu—Caprice	edição Schott
»	2	Guarany, para dois pianos	» Lucca
»	3	Fosca, fantasia para piano	» Bevilacqua

Op. 4	Trois Improvisacion	edição Schott
» 5	Valse — Caprice	» »
» 6	Mazurka n <sup>os</sup> 1 e 2	» »
» 7	Deuxieme Impromptu (inedito)	
» 8	Tarantelle para piano a quatro mãos	» Ricordi

Em 5 de Maio de 1883, em um concerto dado em S. Paulo pelo violinista Vincenzo Cernichiaro, Alexandre Levy fez ouvir uma composição sua de maior folego, bem acabada, tratada com amor e carinho; era o Trio em si bemol n. 1 op. 10, trabalho moldado no estylo dos de Beethoven.

Em 1884 arranhou para quatro mãos *La Danse de Sylphes* de Th. Kullak de um effeito brilhante, e que provocava enthusiasmo todas as vezes que tocava-a com seu irmão.

Em 1885 escreveu o seu primeiro quartetto de cordas (violinos, viola e violoncello), que dedicou ao seu amigo Leopoldo Miguéz, artista a quem elle tanto admirava e estimava. Fez tambem deste quartetto um arranjo para piano a quatro mãos.

Em 1886 principiou a escrever para grande orchestra a *Symphonia em mi* em quatro partes: I, Largo e Allegro molto; II, Andante romantico; III, Scherzo; IV, Final, allegro molto vivo. O andante foi escripto em Paris em 1887 e toda a symphonia terminada em 1889. O autor fez tambem os arranjos do andante para piano a quatro mãos e do finale para dois pianos. Esta ultima parte fou executada em S. Paulo pelo autor e pelo Sr. L. Chiaffarelli em um concerto que este deu n'aquella cidade.

De Paris o autor remetteu devidamente orchestrado o andante para ser ouvido nos Concertos Populares, de que era director o Sr. Carlos de Mesquita, mas por negligencia deste, que não se deu ao incommodo de ler ao menos aquella composição, não foi ella executada.

A *Simphonia em mi* é um dos mais importantes trabalhos de Alexandre Levy que provou a maestria com que sabia desenvolver e aproveitar as phrases e principaes themes da sua melodia natural, espontanea, e cheia de frescura. A harmonisação é de uma grande originalidade e a orchestração sobria, comedida, de effeitos admiraveis, tanto quanto se póde apreciar pela leitura da partitura e pelo arranjo para piano.

Em 1887 Alexandre compunha tambem para piano os — Trois morceaux — *Doute*, *Amour passé* e *Cour blessé*. São tres joias de finissimo estylo que mostram quanto a alma de nosso artista tendia para a dor e para a melancolia. Sua sentimentalidade nebulosa fluctuava na noite

espessa de tristeza como em um delicioso crepusculo. Dir-se-hia que, com a amargura, a lagrima dava-lhe tambem prazeres, tanto elle se deleitava com a tristeza que o invadia pouco e pouco.

Este é o ultimo trabalho exclusivamente para piano que deixou inedito. De 1888 para cá dedicou-se quasi que exclusivamente ao genero symphonico, para o qual tinha verdadeira predilecção, e o pouco que existe para piano ou para dois piano são arranjos de suas obras orchestraes.

Das suas composições ineditas para piano, deve certamente figurar em primeira linha o seu *Allegro Appassionato*, bello trabalho feito em 1887.

Em 1º de Abril de 1889 dirigio pela 1ª vez em publico a opera *Allessandro Stradella*, e anteriormente o 1º acto do *Freischutz*; seguindo-se a opera *Martha*, representadas por simples amadores sob a intelligente direcção scenica do L. H. Ltupakoff. A regencia de taes operas não poderia ter melhor successo. Alexandre enthusiasmava-se devéras e ficava orgulhoso de ver sob a sua batuta aquella intelligente massa de vozes correr magnificamente. As operas eram sempre representadas em allemão. Foram muitas vezes repetidas, principalmente a *Martha*, para a qual chegaram muitos forasteiros, vindos expressamente a S. Paulo para assistirem ás representações daquelle corajoso grupo de amadores.

Foram muitos os mimos, flores e coroas de louro que foram offer-tados ao inditoso artista pela sua brilhante regencia.

Em 14 de Julho de 1889 dirigio em scena aberta, obtendo um verdadeiro triumpho, e sendo bisado a instancias do publico, o seu *Hymne à 14 juillet*, expressamente composto para aquella festa franceza, para orchestra e fanfarra. A combinação de efeitos intercalados, ora o *Chant du Départ*, ora a *Marseillaise*, produzio um dos efeitos mais brilhantes que o habil instrumentista podia tirar. Teve uma verdadeira ovação.

Em outubro de 1889 compoz uma *Reverie* para Quartetto de cordas, moldada no genero Schumann—Reinecke, conservando naturalmente a sua verdadeira originalidade e o seu stylo, que principiava a destacar-se em suas novas composições. Pouco mais ou menos por esta época havia tambem elle composto, em 2 ou 3 dias, uma *Cantata* para orchestra e vozes, expressamente para uma sessão em honra á memoria do Rei Guilherme, fallecido na Allemanha. Não era propriamente uma toada funebre, como geralmente se comprehende, mas sim um relembramento dos fastos gloriosos da vida daquelle monarcha.

Para canto e piano deixou ineditos dous romances, sendo: *De mãos postas*, texto em portuguez, de um sentimentalismo extraordinario, reflexo do que nessa época se apoderava do espirito do distincto paulista; é uma das suas mais bellas e originaes paginas, que havia abandonado, como acontecia com tantas de suas magnificas composições, e *Aimons*, texto francez. A letra dos dous romances era de Horacio de Carvalho, um dos seus amigos.

Para o *Diario Popular* havia elle escripto em Abril de 1890 o seu originalissimo *Tango Brasileiro*, finamente acabado, e conservando o nosso tão afandangado rythmo nacional, produzindo um verdadeiro *tango* e sahindo das banaes fórmulas, tão mal comprehendidas infelizmente e applicadas ás danças do paiz. Alexandre Levy tinha uma vocação extraordinaria para utilizar-se de todos os nossos mais ordinarios themes e rythmos e formava com elles as mais brilhantes scenas nacionaes, como acontece na sua *Scène Brésilienne*, onde figuram diversos motivos conhecidos e desenvolvidos artisticamente com todo o cuidado, dando por essa fórmula a verdadeira criação da nossa Musica Brasileira:

Nesse mesmo anno compoz elle uma das suas mais importantes obras, o *Poema Symphonico Comala*, para orchestra, do qual existe arranjo para dous pianos por elle mesmo reduzido.

Dentre as suas obras de folego, deve certamente figurar como uma das melhores esse poema symphonico de uma originalidade e valor caracteristico de primeira ordem. *Comala* está tratada artisticamente e era uma das suas ultimas e predilectas composições. A sua redução para dous pianos é bem preparada. Foi terminada em Janeiro de 1890 e instrumentada para orchestra, em 7 de Junho de 1890, datas estas que se vêem no manuscrito.

De Julho a Outubro de 1890 havia elle composto a sua *Suite Brésilienne*, para orchestra, a qual é repartida em quatro partes, a saber:

- I. Prélude.
- II. Dança Rustica — Canção Triste.
- III. A' beira do regato.
- IV. Samba.

Neste esplendido e acurado trabalho, procurou o movel compositor descrever a nossa verdadeira scena brasileira, e o realisou de um modo muito caracteristico como já dissemos. Entre os cantos nacionaes que apparecem envolvidos entre as bellissimas harmonisações orchestraes, destaca-se, no Prélude, o *Bitú*, finamente intercalado entre outras phrases originaes, e mais longe na originalissima *Dança Rustica*, verdadeira obra campestre.

Finalmente, para terminar a lista de suas composições deixou para piano as *Schumannianas*, pequenas composições á *Schumann*, esmeradamente escriptas por mão de mestre. A fatalidade fez com que elle não chegasse a vel-as impressas. Devem-nos chegar breve da Italia, onde foi feita a magnifica edição; a dedicatoria é feita á memoria do grande Schumann.

Levy tinha particularidades notaveis de temperamento: os elogios aborreciam-n'o e ficava deveras encommoado se o proprio pae, referindo-se a elle em conversa com amigos communs, elogiava os seu finos dotes musicaes. Se faziam na familia a indiscripção de mostrarem a alguém os seus trabalhos, era para vel-o furioso. Levava a tal ponto este seu escrupulo, que occultava dos seus os manuscriptos em que trabalhava e só os apresentava quando ia buşcar a opinião dos que julgava entendores e artistas de merito.

Indisciplinado, como todo o artista, o seu quarto era de uma verdadeira desordem. Concluida uma composição, atirava-a para um canto e não mais pensava n'ella. A's vezes, vinha-lhe ás mãos de novo um trecho esquecido, e elle aproveitava-o então para thema de uma nova composição.

Nos ultimos tempos estudava dias e dias, sentado, curvado e attencioso, as partituras de *Walkyria* tanto, as de Orchestra como de piano e canto. Zangava-se quando alguém o interrompia. A sua affeição ao autor da *Walkyria* era tamanha que já tinha principiado o estudo da lingua allemã, unicamente para poder ouvir as grandiosas obras do grande mestre em Bayreuth.

Não quiz porém a fatalidade que realisasse esse tão grande ideal.

Como critico musical foi muito correcto e apreciado e escreveu por muito tempo nas columnas do *Correio Paulistano*.

Quantas e quantas vezes gritava contra o pouco caso que em S. Paulo se fazia dos artistas que ahi iam dar concertos! Como coração de verdadeiro amator pelas artes, era o melhor protector de todos os bons artistas que pisaram o sólo paulista.

Contam-se ás dezenas os concertos para os quaes Alexandre Levy concorria graciosamente. A sua falta é grande e difficil de esquecer.

Ultimamente a musica em S. Paulo não tinha seus sectarios de outr'ora. S. Paulo vê-se privado de amadores musicos e ainda hoje é impossivel organizar-se uma orchestra regular. Era o desespero de Alexandre: o não ter podido nunca ouvir as suas composições orchestraes. Pouco antes de sua morte, taciturno e descrente de tudo, dizia que é *uma vergonha a musica no Brazil*.

Era extraordinariamente apaixonado pela litteratura e sempre dizia que *um bom musico deve ler as melhores obras litterarias, deve educar-se na litteratura*

Apreciava os naturalistas.

Possuia uma bibliotheca musical e litteraria.

Em Agosto de 1891 passou H. L. Levy a sua antiga casa aos seus filhos sob a rasão social de Levy—Filhos. Alexandre Levy era negociante (!) mas o artista conservava-se artista, e na sua casa de negocio reunia Alexandre, todas as sextas-feiras, os seus predilectos companheiros de trios, os Srs. Giulio Bastiani (violino) e H. Stupakoff (violoncello),

Esses dois bons artistas eram os mais dedicados amigos que possuia, e com os quaes constantemente estava reunido.

Havia elle acabado de escrever as partes do *Finalle* do seu ultimo Trio e na ultima sexta-feira que viveu, quando faziam um pouco de musica, pediram-lhe para executarem, se bem que incompleto, esse Trio. Não o consentiu dizendo, *deixemos isso para outra occasião, tempo não falta...* Mal sabia elle, que dois dias depois deixaria de existir!

Foi no domingo, 17 de Janeiro, que o bello artista exhalou o derradeiro alento, rodeado de toda a sua familia. Como de costume nos dias feriados, foi n'esse dia á residencia de seus paes. Era o seu costume apreciar o *bien être*, dedicar-se á agradável leitura, ora em boa rêde sob os arvoredos, ora sob um carramanchão de madresilvas. Foi alli que o nosso inditoso amigo conservou-se algumas horas em attenta leitura. Uma pallidez pouco commum notava-se em seu rosto, seus olhos scintilantes, e como que fixos, mostravam um como que presagio da desgraça.

Queixou-se de uma dôr violenta em toda a extensão de um braço, e era essa a primeira vez que de tal se queixava. A' tarde, quando todos sentados á mesa se dispunham a jantar, Alexandre queixou-se novamente da mesma dôr; e, pouco depois, sentindo-se incommodado, repentinamente, levou as mãos á cabeça e exclamou estas ultimas palavras:—Estou tonto... A cabeça inclinou-se para o peito e os olhos tornaram-se immoveis... Estava morto!...

A scena da afflicção, de dôr, que então seguio-se áquelle momento afflictivo de uma familia não é possivel ser descripta! A noticia da sua morte espalhada pela cidade como um raio, produziu uma verdadeira sensação em todos que o tinham visto momentos antes, e grande parte de S. Paulo não podia acreditar em tamanha calamidade.

A *Gazeta Musical*, fiel ao seu programma, cumpre hoje um piedoso dever; commemora por esta fôrma o nome de Alexandre Levy, lembra a scintilação grandiosa do seu genio, recorda um artista que era uma

gloria brasileira. E d'este cumprimento de dever resta-nos a consolação de que em tempos vindouros, quando o Brazil estiver preparado para fazer justiça aos seus artistas, hão de applaudir o que hoje fazemos e hão de ver que meia duzia de musicos brasileiros juntou-se para desta fôrma enviar ao seu irmão de arte um ultimo adeus de saudade e de affecto !

---

## Alexandre Levy

A arte nacional cobre-se de luto!

Morreu Alexandre Levy, um talento muical assombroso, extraordinario, talvez o maior dos poetas musicos brasileiros ! O que a patria acaba de perder mal o sabe, infelizmente, a massa geral do povo, tão descuidada na apreciação dos verdadeiros artistas, tão retardataria em fazer a devida justiça aos maiores, aos mais puros ingenhos !

Alexandre Levy não tinha um nome feito e respeitado como merecia, senão na pequena esphera d'aquelles que com elle conviviam e dos poucos que sabiam admirar-lhe o enorme talento. E por isso o estremeciam intimamente... e por isso sentem-se transidos de dôr pela sua perda inestimavel ; choram a desgraça, que é grande para a arte brasileira, de o ver morrer tão joven quando tanto ainda poderia produzir de sublime e de maravilhoso.

Quando na poetica Italia, na expansiva França e na culta Allemanha forem ouvidas a sua grandiosa *simphonia*, a sua admiravel *Suite Brésilienne*, a sua inspiradissima *Comala* e tantos outros productos de sua elevada imaginação, e lhe renderem o preito devido ao seu prodigioso talento, — o Brazil poderá então aquilatar a perda ingente que acaba de soffrer !

LEOPOLDO MIGUÉZ.

---

## A Alexandre Levy

Como proprietario d'esta folha, eu devo vir trazer a publico os protestos da minha homenagem de saudade por aquella poderosa individualidade artistica que em vida se chamou Alexandre Levy, e a quem é esta polyanthea consagrada como um culto modesto, mas sincero, a uma das mais inspiradas e mais bem educadas organizações musicaes que têm visto a luz no sólo de nossa Patria.

A. FERTIN DE VASCONCELLOS.

---

## Alexandre Levy

Alma ardente de artista genial, desapareceste tão cedo, vestindo assim de profundo luto a Arte Nacional ! Mas o teu espirito, — com a

velocidade do pensamento, — foi collocar-se por entre as pleiades celestes, no Pantheon dos astros de primeira grandeza. E de lá o raio da tua luz desce até nós, illuminando a palavra sincera gravada em todos os corações: *saudade...*

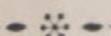
CARLOS GOMES.



Alexandre Levy, querido artista, bem cedo fostes tomar o teu lugar na orchestra celeste.

Entre nós deixas profunda e eterna saudade!

ARTHUR NAPOLEÃO.



Aquelles a quem a natureza concede uma alma de artista e prodigiosa-lhes talento, recebem com esses dotes a missão de utilisarem á humanidade, apascentando-lhe o espirito em grandiosas composições, inclinando-a á contemplação do *bello*.

Alexandre Levy era um d'esses eleitos da natureza. A morte, infelizmente, interrompeu-lhe a vida ao começar o desempenho de sua nobre missão; e, dupla infelicidade, o pouco que deixou, produziu-o elle n'esta terra onde os homens ainda não sabem o que devem á Arte.

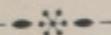
J. CORTES.



Com as presentes linhas testemunho o profundo pezar que me causou o fallecimento de Alexandre Levy, o muito talentoso pianista que tambem se revelou compositor de fina tempera e excellente escola.

O seu passamento é-nos duplamente penoso, poisque dentro em pouco devia figurar na nossa folha com a sua valiosa collaboração; e para a arte brazileira, foi-se com elle um talento que deixa profunda lacuna nas nossas esperanças de desenvolvimento artistico. Algumas composições de subido valor artistico, ficam no entanto para perpetuar o seu nome na historia musical do nosso paiz.

I. PORTO-ALEGRE



*A arte musical* está de lucto por ter perdido um dos seus grandes sustentaculos — *Alexandre Levy*.

Ainda hontem appaudiamos com entusiasmo esse joven e já valentissimo artista que, forte, cheio de ambições nobres, correndo a passos de gigante, estava prestes a tocar á gloria, á immortalidade: tal era o seu grande talento não só como pianista vigoroso, mas ainda como compositor original. Hoje, porém, que a morte inexoravel, cruel e traiçoeiramente nol-o roubou, deixando a todos que o conheceram, que tiveram a fortuna de ouvil-o e de admirar-o, immersos na mais acerba dôr por tão rude golpe... pranteemol-o.

MIGUEL CARDOSO.

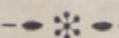
## Non mori!...

Alexandre Levy, il simpatico giovane, amato ed apprezzato da quanti ebbero il bene d'avvicinarlo, ricco di belle e non comuni qualità, pianista emerito, spirito coltivato, poeta, idealista e compositore egregio, é morto!

— Ma l'uomo di genio muore forse?

— No! Perchè la morte é la vita per coloro, che come Alexandre Levy, nel breve corso d'ella loro esistenza, lasciàno un nome glorioso, indimenticabile, nell' alta sfera dell' arte.

V. CERNICHIARO.



A arte musical, acaba de perder um dos seus dedicados apóstolos : Alexandre Levy, já não existe.

O talentoso e modesto compositor, prematuramente pagou á natureza, esse fatal tributo, ao qual todos estamos sujeitos. Mas a morte, apesar de ser inexoravel, não póde apagar o rasto luminoso, que após si deixa um verdadeiro artista. O seu nome ligado ás suas inspiradas obras ha de viver eternamente.

E. PINZARRONE.



## A' memoria de um amigo

Escrever em um numero commemorativo, escrever em uma polyanthea como esta, que difficil tarefa!

Se nos sentimos magoados, se a dor em nós é verdadeira, a penna recusa escrever de commovida; ou se a deixamos correr nos seus momentos de arrebatamento é para vel-a dizer banalidades que a amizade aprecia e de que os indiferentes riem, ou brutalidades de magoado, selvajarias de furioso.

E como não ha-de ser assim? Como havemos de escapar a este dilema? Se fossemos dizer a magoa que nos causou a morte do Alexandre era para ver-se a chusma de brutalidades com que teriamos de aggreir a sorte, o destino, a fatalidade, deus ou o diabo que nol-o roubou. Se quizessemos escrever puramente a nossa impressão de sentimentalista, correriam por sobre o papel umas phrases que o publico julgaria por demais assucaradas e que representariam no entanto para nós o sentimento verdadeiro da nossa magoa, da nossa tristeza, da nossa compunção.

Felizes dos indifferentes, dos egoistas, dos falsos, porque em taes momentos têm sempre preparadas as phrases repassadas de palavras tristes e dolorosas.

Basta que se mudem os nomes, que a fórma é a mesma para todos os que perecem !

Mas nós ao pousarmos a mão sobre o papel, ligamos este ao coração e deixamos ahí cahir gotta a gotta o nosso pranto de saudade ; nós que sentimos o que escrevemos porque escrevemos o que sentimos, ficamos deveras embaraçados em casos como este.

O que dizer ?...

..

N'esta terra sem tradições artisticas, n'este paiz cujos descobridores jamais pensaram em arte, n'esta terra de carolice e de politica, os artistas acham-se isolados e como que se consideram differentes da massa geral dos seus concidadãos incapaz de os comprehender

Então, procurando pela união fazerem-se fortes, ligam-se uns aos outros os homens de arte e empenham contra a estúpida sociedade indifferente uma campanha de talento.

Como aquella é incapaz de comprehendel-os, satisfazem-se comprehendendo-se mutuamente, e vivem uma vida muito sua, muito afastada das vilezas do nosso meio, e vegetam e compoem e gozam no seu meio especial, cahindo uns pela falta de meios, subindo outros pela tenacidade, pelos recursos, pelo genio.

Ha então os que podem ser o traço de união para todos os outros e os que têm a missão esplendida de auxiliar todas as tentativas. São estes os ricos, os *felizes*, dizem os outros, os mais desgraçados, dizemos nós que soffrem por si e pelos outros, que só fazem favores, que só dão auxilios, que só recebem ingratidões.

..

No nosso meio artistico eram tres estes martyres do seu grande coração : Alexandre Levy, Rodolpho Bernardelli e Leopoldo Miguéz.

Capazes de todos os sacrificios pela Arte, estes dois musicos e este esculptor, estavam sempre unidos para fazer o bem aos seus companheiros, para os incitar a proseguir na carreira que abraçaram, para se imporem constantemente ao publico de quem não precisavam e que tinha de vir supplice pedir-lhes as manifestações do seu talento.

Alexandre Levy tinha a mais que os seus companheiros o genio arrojado da tentativa e uma tenacidade admiravel. Era capaz de um sacrificio enorme de tempo, de dinheiro e de desgostos para realizar

um concerto que educasse os seus co-estadinos e depois de todos os dispendios e de todos os desgostos, impunha silencio ao seu grande coração magoado e ia... tratar de realizar outro concerto, por que havia um publico a educar e o seu egoismo era suffocado pelo amor da arte.

..

Impondo-se pelo seu talento enorme, pela sua reputação de honesto, de bom, de leal, pelos conhecimentos que já possuia e que augmentava todos os dias, Alexandre Levy em mais dez annos de vida teria collocado S. Paulo á frente do movimento artistico d'este paiz. Alexandre teria feito da sua terra, o refugio da Arte Brasileira, tão mal comprehendida por esta gente de especulações commerciaes, absorvida pelo mercantilismo, sem as ideias adiantadas do adiantado S. Paulo.

Infelizmente a besta da morte assassinou-o!

S. Paulo que o chore, que perdeu com elle toda a influencia que havia de vir a ter na Arte da nossa terra; S. Paulo que o pranteie, que d'aquelles talentos não produzirá a sua terra muitos specimens; S. Paulo que vista pesados crepes: ficou sem o seu mais valioso filho!

..

Eis o que posso dizer sobre o bom, o sympathico, o talentoso, o honesto Alexandre Levy, o amigo que muito estimei, o irmão a quem tanto queria.

Precisando prestar-lhe uma homenagem publica, fizemos quanto possivel para poupar banalidades idiotas.

Quando soubemos da sua morte, veio ao nosso encontro o grande esculptor brasileiro e disse-nos com a voz tremula de commoção, com os olhos razos de lagrimas, cofiando a barba com um movimento nervoso que parecia destinado a impedir o pranto:

— E então, hein?... que estupidez! Isto é uma brutalidade da sorte! Tantos malandros por ahi a fazerem mal ao seu semelhante e ao seu paiz, cada vez mais fortes e mais valentes, e a morte vae matar o Alexandre Levy. Mas que diabo! porque ha-de morrer um artista? Só pôde fazer mal a si proprio, mas ao seu paiz só pôde fazer bem...

E o nosso querido Bernardelli lá se foi nervoso, impressionado, furioso no seu egoismo de artista inspirado, desesperado com a falta d'aquelle que completara essa bella trindade de artistas.

E o Bernardelli tinha razão. Pobre Levy!... A morte é muito estúpida!... Nós conhecemos por ahi tanta gente que não fazia falta!...

EDUARDO DE BORJA REIS.